

O CAFÉ E A INDUSTRIALIZAÇÃO DA CIDADE DE SÃO PAULO.

A afirmação de que o café é responsável pelo surto de industrialização de São Paulo é uma destas meio verdades que têm o dom de seduzir quantos pensem sobre o problema, e logo tornou-se lugar comum na pena dos escritores que analisaram o processo de industrialização da cidade ou a expansão da lavoura cafeeira.

Com efeito, o chamado “primeiro surto industrial” de São Paulo data dos últimos anos do século passado, coincidindo assim com o período da expansão da lavoura cafeeira no “Oeste” paulista. Quando da instalação das primeiras fábricas paulistas, Campinas já era a **cidade do café**.

Nesse período, o número de fábricas instaladas na capital paulista aumentou no seguinte ritmo:

Período	Fábricas
antes de 1880	16
de 1880 a 1889	16
de 1890 a 1894	21
de 1895 a 1901	39
	<hr/>
	92 (1)

Na cidade, nessa época, já surgiram os primeiros reflexos da economia industrial, tanto no que diz respeito ao funcionamento do mecanismo capitalista de produção, quanto no que se refere às novas relações sociais de trabalho: as greves dos chapeleiros em 1897 e o desaparecimento de algumas fábricas, em consequência da crise do fim do século, indicam que a antiga “capital dos fazendeiros” começava a transformar-se na “capital da indústria”.

Entretanto, a correlação positiva sugerida pelos dados relativos à expansão da produção de café e à expansão fabril da cidade não significa que a primeira seja **causa** da segunda. Só através de uma simplificação extrema seria possível conceber

(1). — Quadro elaborado por Pasquale Petrone, *A Cidade de São Paulo no século XX*, Revista de História, ano VI, n.ºs 21-22, janeiro-junho de 1955, p. 127.

nestes termos a explicação do desenvolvimento industrial da cidade.

E' verdade que o café criou condições para o desenvolvimento da industrialização. A contínua expansão de sua exportação, apesar dos períodos de crise e das manipulações financeiras necessárias para sustentar a política da valorização no período do século XX anterior à primeira grande guerra, possibilitou, certamente, o desafôgo da balança cambial do país, em alguns anos, e o equilíbrio relativo em quase todos. Dessa forma garantiu as importações do Brasil: as que serviram para o consumo suntuário e as que permitiram a compra de implementos e matérias primas para a indústria. Da mesma maneira, as desvalorizações do mil réis visando facilitar a exportação do café para o mercado internacional serviram, indiretamente, como barreiras protecionistas contra as importações e, assim, formentaram a indústria incipiente. Mas êsses efeitos da economia cafeeira favoreceram o desenvolvimento da indústria em vários pontos do país: no Distrito Federal, no Rio Grande do Sul, em outras cidades do Estado de São Paulo, e assim por diante. Não constituem, portanto, explicação suficiente para o surto industrial da cidade de São Paulo em particular.

Por outro lado, a análise dos dados disponíveis sôbre o número de estabelecimentos industriais sujeitos ao impôsto de consumo, e sôbre o capital empregado nos mesmos, mostra que a posição do Estado de São Paulo ainda não era de primazia indisputada no processo de industrialização do país até 1920, embora já nesta época o Estado estivesse na dianteira dos demais do Brasil quanto ao número de operários ocupados, quanto ao número de estabelecimentos industriais e ao valor da produção (2). Isto significa que mesmo depois da expansão da lavoura cafeeira ter atingido proporções gigantescas (bem como a exportação do café), São Paulo não havia sido muito mais beneficiado do que outras regiões do país quanto às possibilidades de aumentar sua indústria.

Qual terá sido então, a contribuição do desenvolvimento do café especificamente para a industrialização da cidade de São Paulo? Até hoje não houve nenhuma análise sistemática sôbre os efeitos da economia cafeeira diretamente no crescimento do parque industrial paulistano, por isso torna-se difícil responder à questão. Pensamos, entretanto, que é possível distinguir alguns efeitos favoráveis à industrialização da cidade que se

(2). — Cf. dados publicados pela Diretoria Geral de Estatística, *Recenseamento do Brasil*, vol. V, "Indústria", Rio de Janeiro, 1927.

relacionam, direta ou indiretamente, com a expansão da cultura do café, embora não sejam suficientes para explicar, segundo cremos, tôdas as condições que permitiram o desenvolvimento do intenso surto de desenvolvimento industrial de São Paulo.

Não podemos, nos limites dêste artigo, pretender apontar todos (e nem mesmo os principais) efeitos da economia cafeeira sôbre o processo de industrialização da cidade. Em primeiro lugar não se pode deixar de mostrar que numa economia essencialmente agrícola, como era a nossa, a seleção de um produto capaz de ser colocado no mercado internacional em condições tais que permitia a retenção de parte do lucro e sua transformação em capital é uma condição essencial para o financiamento do processo de industrialização. Tal ocorreu com o café. Ele permitiu a acumulação de capitais por causa da grande margem de lucro que deixava, ao menos nos anos de prosperidade, e parte dêsses capitais foi aplicada na indústria paulistana. Entretanto, não se pode precisar qual tenha sido a contribuição dêsses capitais para a indústria da cidade. Sabe-se que os fazendeiros dispunham de recursos suficientes para mobilizar rapidamente quantias vultosas desde o século passado, como demonstram as inversões na Paulista e na Mogiana, e sabe-se também que houve inversões em São Paulo, mas não há nenhuma análise quanto ao seu montante. Assim, não se pode verificar que papel êste capital desempenhou ao lado do capital vindo de outros países e de outras fontes. Por outro lado, o crescimento industrial de São Paulo deveu-se em grande parte ao desenvolvimento de pequenas oficinas onde os proprietários freqüentemente trabalhavam com as próprias mãos. Essas oficinas continuavam a desempenhar um papel importante na "estrutura industrial" da cidade quando do censo de 1920, onde foram computados, da mesma forma que nos censos anteriores, como fábricas. E quem eram os proprietários destas oficinas, bem como seus operários, se não imigrantes trazidos para a lavoura do café? As economias feitas com ingentes esforços pelos imigrantes nas fainas agrícolas vieram, depois, contribuir para o alargamento da estrutura artesanal e industrial da cidade.

Verifica-se, portanto, que a mão-de-obra com que a cidade contou para o seu desenvolvimento foi recrutada em grande parte, também, entre os imigrantes trazidos para a lavoura cafeeira. Porém, êsses dois aspectos da contribuição da lavoura para o crescimento industrial de São Paulo têm sido amplamente discutidos, não havendo necessidade de insistir sôbre êles nes-

te artigo. Gostaríamos, finalmente, de indicar uma transformação pela qual passou a lavoura cafeeira em São Paulo, a partir de um determinado período, que segundo cremos possui fundamental importância para a compreensão do desenvolvimento da capital do Estado num sentido urbano e industrial e que não tem sido devidamente valorizado sob este aspecto.

Referimo-nos ao **rush** cafeeiro que se processou no chamado “Oeste Paulista”, a partir do último quartel do século passado. Em primeiro lugar a plantação nas terras férteis do “Oeste” deslocou o eixo econômico do café, antes localizado no vale do Paraíba, e com isso fez surgir novos centros de distribuição do produto. Santos substituiu inteiramente os portos do litoral norte paulista, e mesmo do Rio de Janeiro como ponto estratégico para o escoamento do café. A nova rota econômica passou a favorecer diretamente o entrosamento da cidade de São Paulo na economia cafeeira, o que, obviamente, foi de fundamental importância para o crescimento urbano da capital paulista. Esse por sua vez, criou necessidades de consumo, incentivando o processo de industrialização: a análise da estrutura da indústria paulistana mostra que ela repousava grandemente em pequenas oficinas e fabriquetas voltadas diretamente para a satisfação das necessidades imediatas da população no vestuário, na alimentação, nos implementos domésticos, etc.

Em segundo lugar, a lavoura cafeeira do Oeste Paulista foi explorada a partir de **novas condições econômicas**. Não é possível discutir aqui essas novas condições e suas causas. Os autores que se têm preocupado com o problema apontam-nas contudo. A fazenda de café da zona de Campinas e, sobretudo, de Ribeirão Preto, é uma empresa econômica complexa, organizada em moldes capitalistas. Isto é, exigia grande empate de capital, e o que é mais significativo para o problema que ora nos interessa: exigia controle racional do empreendimento. Nessas fazendas o proprietário, frequentemente, mantinha gerentes de empresa, os **administradores**, e não raro contabilizavam seus investimentos, controlando os custos e os lucros. Além disso, como eram empresas que visavam a exportação, as fazendas articulavam-se economicamente em uma teia complexa de liames financeiros com casas comissárias, exportadores e bancos, o que fazia do fazendeiro um comerciante também.

Em terceiro lugar, queremos ressaltar as condições econômicas que, derivadas do tipo de exploração do café aponta-

do acima, propiciaram a eclosão de surtos de industrialização no Estado e, diretamente na cidade de São Paulo, pelas razões já apontadas em primeiro lugar. A produção do café nos moldes em que foi empreendida no “Oeste Paulista” permitiu: a) a substituição da mão-de-obra escrava pela mão-de-obra assalariada, pois que, além de outros fatores bastante conhecidos, a mão-de-obra escrava não era tão econômica quanto a assalariada nas novas condições de produção. E’ óbvio que tal fato teve um papel primordial no desenvolvimento da indústria, seja pelo afluxo de imigrantes que provocou, seja porque sem o trabalho livre não teria sido possível manter uma economia industrial em funcionamento, como mostraram as tentativas de aproveitamento de escravos nas fábricas; b) o desenvolvimento de **idades** e da pequena burguesia urbana, criando mercados para a indústria. A fazenda do “Oeste” deixou pouco a pouco de constituir-se como uma autarquia econômica, tornando-se dependente dos aglomerados humanos para aquisição dos bens de consumo e demais produtos necessários à vida. As novas condições de produção exigiam que o trabalho nas fazendas girasse exclusivamente em torno do café, que era mais lucrativo que qualquer outro. Isso permitiu o desenvolvimento dos núcleos urbanos. O próprio fazendeiro morava nas cidades, tornando-se absenteísta, porque nelas podia entrar em contacto com a complicada máquina do comércio do café; c) finalmente, o que nos parece merecer maior atenção do que até agora tem sido dispensado: o fazendeiro do “Oeste” era um empreendedor capitalista, com as principais características do chefe de empresa. À vontade do lucro somavam-se o arrôjo e o espírito inventivo. A iniciativa econômica capitalista daqueles homens pode ser aquilatada pela capacidade que tiveram de organizar e expandir rapidamente a rede ferroviária do café, possibilitando dessa forma a continuação da marcha para o Oeste. Até hoje este aspecto da expansão do café em São Paulo não foi estudada, tendo-se em vista analisar a penetração do capitalismo na cidade de São Paulo. Mas certamente, o **espírito capitalista**, o **afã de progresso** do paulistano, se é verdade que também se deve ao imigrante, encontra suas raízes históricas na cafeicultura do “Oeste Paulista”, e sem este espírito São Paulo não seria o grande centro industrial que é hoje.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

Assistente da Cadeira de Sociologia I da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.